

### *O sonho da eternidade*

Um aparato religioso se fez presente ao cortejo central. Quem houvera morrido reclamava atenção especial, afinal era um bispo famoso e merecia as honrarias locais. Muitas autoridades vieram de todas as paragens reverenciar a memória daquele que deixara saudade pela sua marca indelével de ajuda aos pobres e de exercício ilibado de sua missão sacerdotal.

Todos que acorreram ao seu enterro despertaram finalmente para a grande importância que aquela personagem religiosa tinha desempenhado ao longo da sua trajetória terrena. Muitas homenagens eram sinceras, de coração, outras não, era mais um fato social em que se necessitava estar presente e aparecer futuramente nas colunas de jornal como um ato solene de reverência ao padre agora desencarnado.

Vejam vocês o que é a vida. Muito interessante, é bem verdade. Estive aqui por diversas vezes, a dizer da minha satisfação em falar da “morte” com os vivos. E agora faço uma reflexão da minha própria morte. Eu que sempre preguei a vida depois da vida, agora tenho a possibilidade de dizê-la claramente: ela existe sim. Não é uma fábula, é uma realidade concreta, impressionável. Pois bem, o que fazer com estas lembranças pós-morte? Esquecê-las?

É incrível o que acontece num enterro. Os comentários são diversos. Uns choram copiosamente e com sentimentos verdadeiros, outros disfarçam seus sentimentos inconfessáveis. Não deixa de ser uma festa de despedida e diferente. E o que fazer com estas lembranças senão esquecê-las? Esquecer porque se vive sempre.

Pegar este lápis e escrever me dá uma alegria enorme. Falei muito da vida depois da morte, acreditava plamente nela, mas do lado de cá é que se sabe sobre o que ela realmente representa. Ah! Se tivéssemos a oportunidade de contarmos detalhadamente o que ela significa aos meus fiéis. É claro que o Nosso Senhor Jesus Cristo já nos falou sobre o morrer, mas os detalhes, as minúcias, essa só vivendo para poder falar de verdade.

A minha “morte” foi tranqüila. O corpo já não cabia no meu espírito inquieto. Era uma limitação sem fim. Eu já estava muito agoniado. Pensava as coisas, mas não conseguia agir. É muito duro pensar, querer fazer e encontrar limitações físicas, é muito frustrante. Percebi cedo que estava indo embora. As minhas visões do mundo começavam a ser outras bem diferentes. Os vultos passaram a ser mais constantes diante dos meus olhos e cada vez mais ganhava nitidez. Via minha mãe querida constantemente, meu pai de vez em quando, e a companhia de meus amigos que já haviam partido antes de mim. Um deles, o Padre Ibiapina<sup>13</sup>, que tive contato com seus escritos

em vida, disse-se assim certa vez: “*Helder, relaxa para poder entrar nos braços do Senhor. Até aqui, na hora derradeira, você já quer entrar em atividade. Vai devagar e tudo ocorrerá dentro do planejado. Relaxa um pouco e continua a sonhar o sonho da eternidade.*”

Sonhar o sonho da eternidade. É isto sim. Enquanto estamos vivos na carne, vivemos o sonho da eternidade porque não temos certeza, apenas uma convicção de fé, que vamos continuar existindo, mas quando nos libertamos do corpo e nos enxergamos qual somos, aí é diferente, tudo ganha um colorido especial. Tudo fica mais bonito e com uma nitidez impressionante, vocês verão um dia. Confie nestas palavras.

Morrer é partir para nossa verdadeira casa, embora a casa de Deus seja em todo lugar, mas o nosso habitat natural é o lado de cá. Aqui somos iguais. Uns mais materializados porque não se libertaram ainda do vínculo carnal, mas somos iguais em espíritos. Como curtir este novo estado d’alma é outro aprendizado constante. Quanta coisa a descobrir. É muito interessante. Não tem professor, a não ser a sua própria consciência. Os instrutores do lado de cá facilitam o aprendizado, mas é você, no final das contas, que tem que tirar as conclusões e seguir adiante.

Encontrei amigos, muitos. Os companheiros de jornada terrena vieram me recepcionar: “*Dom Helder chegou! Dom Helder chegou!*”. Vieram outros a me rever. Fiquei surpreso, confesso, com o cortejo espiritual, não pensei que houvera feito tantos amigos. É uma grande satisfação que o Nosso Senhor me proporcionou. Dois

<sup>13</sup> Padre Antônio de Maria Ibiapina foi sem dúvida o maior missionário do interior do Nordeste.

Ordenado somente aos 47 anos de idade, em 1853. Depois da ordenação exerceu o ministério de missionário durante 30 anos.

papas vieram me ter no meu leito de recuperação: João XXIII<sup>14</sup> e Paulo VI<sup>15</sup>. Foram amigos carinhosos que vieram me dar seus conselhos de boa vivência no novo plano que estava, me encorajando diante das novas lutas que haveríamos de assumir no campo da fraternidade irrestrita junto aos homens, porque a luta, o bom combate, continua. Não haveríamos de ficar a contemplar a vida em “berço esplêndido” de Deus, na inércia. Se isso acontecesse seria uma chatice sem tamanho. Ainda bem que o trabalho continua, cada um do seu jeito, cada um com suas atividades corriqueiras que desempenhavam antes.

Quero aqui agradecer as orações. Que belas e sinceras orações chegavam ao meu coração. É um grande alívio a oração. Os corações se tocam numa oração. É muito benéfico para o espírito, sobretudo para o recém-chegado ao mundo espiritual. Se soubessem o benefício que faz orariam mais, muito mais.

Pois é, meus caros irmãos, vejam como a vida nos traz coisas inolvidáveis. Hoje estou aqui a escrever sobre a pós-morte, para assegurar aquilo que o Nosso Senhor já nos dissera há dois mil anos: “*quem acreditar em mim, quem segurar a minha cruz, terá vida eterna*”.<sup>16</sup> E cá estou eu a

dizer: A vida eterna é uma realidade, creiam nisso, inclinem as suas vidas para o encontro com ela.

Vivam intensamente as suas vidas e continuem a confiar que o Nosso Senhor Jesus Cristo não nos desamparará jamais e que continuaremos a viver no seu amoroso regaço para sempre.

<sup>14</sup> O Papa João XXIII, nascido Ângelo Giuseppe Roncalli Sotto II Monte, 25 de novembro de 1881 – Vaticano, 3 de junho de 1963 foi Papa do dia 28 de outubro de 1958 até a data da sua morte.

<sup>15</sup> O Papa Paulo VI, nascido Giovanni Battista Enrico Antônio Maria Montini Concesio, 26 de setembro de 1897 – Castelgandolfo, 6 de agosto de 1978, foi Papa da Igreja Católica Romana do dia 21 de junho de 1963 até a data da sua morte, em 6 de agosto de 1978.

<sup>16</sup> Mc 8,34